

# ○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00. Estrangeiro 80\$00

## Editorial

«O Novo Fanguero» faz anos. Vamos entrar no quinto ano de existência, o que quer dizer que começamos a contrair sérias responsabilidades. Para connosco, pela necessidade de lhe garantir o nível que já alcançou. Para os conterrâneos ausentes, pois como há pouco nos dizia o Reinor, radicado em Paris, o nosso Jornal é tão ou mais esperado que uma carta de um familiar; «O Novo Fanguero» é uma saudade, é uma notícia, é a própria terra expressa em oito ou dez folhas. Para com os leitores em geral, porque vêem nesta publicação uma mensagem comedida, uma informação correcta e finalmente uma consciência actualizada que radica muito embora no humus do passado.

\*\*\*\*\*  
\* FAZER \*  
\* \* \* \* \*  
\* ANOS \*  
\* \* \* \* \*

\*\*\*\*\*  
\* \* \* \* \*  
\* ANOS \*  
\* \* \* \* \*

Com efeito, uma terra não é. Vai sendo. É um caminho, é uma marcha feita minuto a minuto pelos seus habitantes que neste caso, no nosso caso, se sentem amparados pelas luzes da tradição. É verdade que não nos podemos fixar no *outrora* pois o caminho é algo que está a seguir. Um fanguero, porém, não nega o passado que os seus avoengos construíram e que o orienta para o futuro.

Daqui se infere que a palavra de ordem é prosseguir, porventura mais enriquecidos se possível. Desse enriquecimento progressivo é testemunha a Página Jovem que tanto entusiasmo tem provocado nos mais novos do concelho e não só.

Resta-nos agradecer. Aos nossos leitores que são a razão de ser deste periódico. Aos nossos anunciantes que são o seu suporte financeiro. Aos nossos colaboradores que são a essência do próprio jornal.

## O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

### INÁCIO GONÇALVES TURRA



No início do século viviam três «sábios» em Fão. Eram o Inácio Turra, o velho Viana e o Lima. Vamo-nos ocupar hoje do primeiro, já porque existe ainda uma filha viva do mesmo (sua bênção, D. Miquinhas, a mais jovem, perdão, a mais idosa das senhoras — e dos senhores — da terra!), já porque um seu descendente, o nosso amigo Berto (Sr. Umberto Didier para os clientes da Império, passe a publicidade) teve a amabilidade de nos enviar «O Cávado» de 29-5-66 — Página de Fão, onde coligimos algumas notas de uma figura típica que no seu tempo devia encher a terra fanguero. Era um super-dotado que tanto poderia ter dado um violinista famoso como um escultor de alto quilate. Ele foi efectivamente, além do músico dotado, «entalhador, gravador, construtor de utensílios marítimos, afinador e construtor de órgãos, marceneiro requintado».

«Em 1884 — diz o citado jornal — com 24

(Continua na página 2)

## A propósito de uma exposição \*\*\*

### O DR. ALCEU

#### Um Homem, Um Democrata e Um Artista

Alceu Maria Vinha dos Santos — o Dr. Alceu para quantos o conheceram — foi, com seu irmão Abel Maria Vinha dos Santos, prematuramente falecido, uma figura ímpar no (pobre) meio cultural fanguero.

Nascido em Fão na actualmente denominada Rua Prior Nogueira, a 5 de Abril de 1913, toda a sua vida foi marcada pela época em que, no Porto, frequentou a Escola de Farmácia. Estamos na década de 30 em que o Estado Novo procura consolidar posições. Os meios académicos são agitados pelas medidas tomadas pelos ministros de Salazar, Gustavo Cordeiro Ramos e Carneiro Pacheco contra a Cultura e contra professores e alunos de todos os graus de ensino: redução do Ensino Primário de 4 para 3 anos fundamentando-se em que «ensinar a ler é corromper o atavismo da Raça» (João Ameal, escritor e historiador), «Que vanta-

gem foram buscar à Escola? Nenhunas. Nada ganharam. Perderam tudo. Felizes os que esqueceram as letras e voltaram à enxada» ou «a parte mais linda, mais forte e mais saudável da alma portuguesa reside nesses 75% de analfabetos» (Escritora Virgínia de Castro e Almeida); a extinção do Ensino Primário Complementar e a proibição da coeducação; a extinção da *União do Professorado Primário Oficial* e do seu órgão *O Professor Primário*; instauração da censura prévia aos trabalhos de professores e alunos a efectuar pelos Reitores que passaram a ser de escolha e nomeação ministerial. Finalmente, para além destas e muitas outras medidas cerceadoras das liberdades, é publicado o famigerado decreto que demite todos os funcionários «que não dêem garantia de cooperação com os fins superiores do

(Continua na página 2)

# DR. ALCEU

(Continuado da página 1)

Estado», atingindo, de imediato, os prestigiados professores Abel Salazar, Sílvio Lima, Rodrigues Lapa e Aurélio Quintanilha.

Foi no ambiente agitado da luta de todas as academias contra estas e outras medidas, a que se juntava a luta da classe operária contra a fascização dos sindicatos (greve insurreccional da Marinha Grande, etc.) que o Dr. Alceu formou a sua mentalidade de Democracia e tomou a opção política e ideológica que havia de manter até ao fim da sua vida. Coerentemente, desde então participou em todas as lutas do nosso Povo pela Democracia e pela Liberdade.

Convive, no Porto, com escritores, ensaístas, críticos e artistas, e distingue-se como caricaturista de traço inconfundível e original. Com Rui Leal (escultor) e Manuel de Oliveira (pintor e cineasta) realiza a sua primeira exposição de caricaturas.

Terminado o Curso, estabeleceu-se com a farmácia que havia pertencido a seu pai, Paulo Dias dos Santos, em Fão. A sua natural bondade e solidariedade para com os mais humildes, leva a que a sua actividade «comercial» de farmacêutico redunde num fracasso.

\*\*\*\*\*

## Fão d'antigamente



Esta foto tem mais de 35 anos. Nela se vêem o falecido Lourival, o Tone Canuda, o Zé Cândido, irmão do Manuel Solinho (vestido à paisana...) e o Director deste jornal. Foto cedida pelo Tone Torres.

Participa na vida colectiva fangueira quer como autor de textos para revistas locais, ensaiador e cenógrafo, quer como animador da nascente Colónia Balnear, quer como dirigente e impulsionador das actividades das colectividades de recreio (Clube Fãozense e Grulhs).

Por volta dos anos 40 colabora na página «Humor Nacional» de *O Primeiro de Janeiro* onde semanalmente publica os seus bonecos legendados.

*Abandona a actividade farmacêutica, surge nva faceta do Dr. Alceu — a de pedagogo e professor (quantas vezes gracioso) de gerações de estudantes fangueiros, quer em lições particulares, quer como professor do Colégio de Esposende, quer como professor e Presidente do Conselho Directivo após o 25 de Abril da Escola Preparatória.*

*Paralelamente à sua actividade de professor (e sempre de caricaturista), exerce uma outra não menos pedagógica: a de coordenador da Página de Fão de O Cávado. Por vezes e sob diferentes pseudónimos (Moscardo, Coca, A., M., V., S.) é o seu único colaborador. Os seus artigos, comentários e «bonecos» de crítica local bem humorada e, por vezes contundente, não deixam de lhe criar alguns dissabores.*

Personalidade diversificada, a sua faceta de caricaturista manteve-se desde a década de 30 até a doença o impedir de pegar no lápis. Para além de tudo, resta ao Dr. Alceu o exemplo de coerência mantida até ao fim da vida.

VINHA NOVAIS

\*\*\* Levada a efeito no edifício de Turismo na Vila de Esposende, no dia 17 de Abril último, com trabalhos pertencentes aos Drs. José Novais e Armando Saraiva.

# INÁCIO GONÇALVES TURRA

(Continuado da página 1)

anos de idade organizou e dirigiu um agrupamento filarmónico constituído por instrumentos de metal, de corda e de sopro, em que desempenhava o importante posto de primeiro violino, e que foi dirigido pelo seu professor de música Benjamim Fernandes Costa, natural de Rio Tinto, de que fizeram parte os srs. João Pinto, Manuel Cubelo, Tio Inês, Álvaro Paturro, Domingos Clemente, António Cardoso, José Borda, Lourenço Estrelado, José Magalhães, todos de Fão e o sr. Martinho, de Gandra».

Continuamos a seguir o referido jornal:

«Nesta mesma data cria o seu primeiro coro destinado a incentivar o gosto pela Arte de Euterpe, para dar realidade aos seus anseios, de que faziam parte as meninas, Rosália Mendes da Silva (com quem se casou em 1892) Maria Mendes da Silva, Conceição Mendes da Silva, Virgínia Mendes da Silva, Conceição Justa, Raquel Faria Borda, Joaquim Calheiros, Margarida Lopes, Delfininha e outras.

De 1899 até 1910 organiza também um grupo coral masculino de que fazem parte: António Rainha, de Fonteboa, como organista, Inácio Turra, Manuel Gonçalves Eiras (Neca Canuda), de Fão; José Gonçalves Azevedo, de Gemeses; André Vasco (baixo) de Fonteboa; o sr. Pedras (baixo), de Braga e que só vinha tomar parte no coro nas cerimónias da Semana Santa, bem como o Padre Pécora, os Estrelados, etc.

Um outro coro de meninas é constituído neste mesmo período em que tomam parte suas filhas Maria, Antónia e Eulália e ainda Virgínia Teixeira, Elisa Pelica, Rosalina Barqueira, bem como outras».

(Continua)

★★★★★

PARQUE DO RIO OFIR



estalagem

**PARQUE DO RIO**

**OFIR**

PORTUGAL



**UM LUGAR TRANQUILO**

Tel. 961521 - 2 - 3 - 4 — Telex 32066



## UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

estamos a construir um banco do futuro

# DE APÚLIA

**ESPORÃO DAS PEDRINHAS** — A avaliar pelos milhares de toneladas de pedra que ultimamente vem sendo para ali transportadas, deve ter crescido muito o esporão das pedrinhas nestes últimos dias. Haverá mesmo necessidade desse tão grande prolongamento? Ou será que nem a ádua (do mar, claro) querem deixar passar!

**CRIANÇAS FRANCESAS EM APÚLIA** — À semelhança do que vem acontecendo há alguns anos, encontram-se entre nós algumas dezenas de crianças francesas, alunos das Escolas de Clermonte-Ferrand, em salutar e louvável convivência de estudo e camaradagem, com os pequenos estudantes das Escolas Primárias de Apúlia.

As autoridades locais e concelhias, e os professores locais, não se têm poupado a esforços para prodigalizarem aos «francesinhos» umas boas férias de estudo. Um ano cá, outro lá, assim se cimentam amizades e conhecimentos, que muita dessa «gente» de amanhã jamais esquecerá.

**REUNIÃO DE COMERCIANTES** — Os comerciantes de Apúlia, sobretudo os da zona da Areia, preocupados com a venda ambulante da nossa praia nas épocas altas do Verão, estão a proceder a reuniões da classe para a sensibilizar e alertar dos grandes prejuízos que isso representa para todo o comércio local. Vão ser reivindicadas, de quem de direito, medidas de protecção e de disciplina para a anarquia desse comércio que só conhece Apúlia nos melhores meses de Verão. Se não se pode proibir pode ser (e deve) ser desviado da zona principal da praia e dos seus principais acessos.

**FUTEBOL** — Escrevemos estes pequenos apontamentos a um dia do jogo Apúlia - Tadim, uma equipa que, como o Apúlia, se encontra também com a «força» na garganta. Se o jogo fosse com equipa do cimo da tabela, até podíamos arriscar um bom resultado porque é com essas que o Apúlia tem feito melhores jogos e resultados. Assim, como o Tadim (que já militou na 3.ª Divisão Nacional) está com os mesmos pontos e com idênticas preocupações do Apúlia. O melhor é esperar para ver.

Vitória neste jogo e nos outros dois que falta fazer em casa, e a «salvação» será possível; derrota, ou mesmo empate, pode tornar tudo impossível.

**DO FURADO ATÉ À CRUZ** — A fatura de sargaço, nesta semana foi de tal ordem, que por alguns dias nem o mar conseguiu desfazer a montanha que se estendia do «Furado» à «Cruz». Levaram-se dali muitos milhares de toneladas dessas preciosas algas marinhas, sem ser preciso arrostar com as ondas, ou mesmo molhar os pés. Os tractores agrícolas trabalharam noite e dia a arrastá-lo para os campos ou para zonas distantes, deixando as estradas e caminhos su-

jos e perigosos. A abundância foi de tal ordem que são muitos os entendidos que dizem não se lembrarem de «semelhante».

Na década de cinquenta esteve muito em voga uma canção, que era um autêntico hino ao sargaço, é que dizia numa das suas quadras — «A vida do sargaço — É uma vida afadigada — Do Furado até à Cruz — Para armar a carrelada.» Isto era há quarenta anos, quando o sargaço passava ao largo como raposa por vinha vindimada. Agora, efeito dos esporões, alguns versos da canção podiam ser mudados e ficar assim «A vida do sargaço — É uma vida afortunada — Do Furado até à Cruz — Para armar a tonelada». Para a história o que fica é que em pleno mês de Maio, ninguém se lembra de «semelhante».

**AS FESTAS À VILA DE APÚLIA** — É já no dia 28 deste mês que a população de Apúlia vai dizer do seu regozijo pela elevação da sua terra a Vila. A Junta de Freguesia juntamente com uma comissão de pessoas influentes e dinâmicas, tem trabalhado afanosamente para que esse dia fique memorável.

É este, em síntese, o programa dessas festas: Fogos de Artifício, Zés P'reiras, Bandas de Música, Folclore, Atletismo, Missa Solene, Receção às Autoridades, exposições de Pintura, de Livros e outras, palestra sobre o historial de Apúlia, descerramento de uma placa alusiva à efeméride, almoço de confraternização, etc.

Destaque para as Autoridades nacionais, distritais e concelhias que vão estar presentes. Aqui conta-se com a vinda do senhor Ministro das Obras Públicas e Comunicações, o ilustre esposendense Dr. Oliveira Martins, do senhor Governador Civil, da Senhora Presidente da Câmara de Esposende, uma ilustre apuliense, de toda a vereação da Câmara, das Juntas de Freguesia e do Clero do concelho, etc.; para a palestra sobre o historial de Apúlia pelo Dr. Albino Penteado Neiva, em pleno largo da Senhora da Guia; da Missa Solene celebrada na Matriz pelo Reverendíssimo Prior de Apúlia; do desfile e actuação de Grupos Folclóricos e Bandas de Música do concelho; da actuação do grupo Académico da Faculdade de Filosofia da Universidade de Braga, e do Grupo Musical «Coniorquestra»; e do almoço, aberto a todas as pessoas que o queiram fazer.

Daqui fazemos votos para que a população de Apúlia saiba corresponder ao esforço dos que programaram e vão realizar estas festas, e dos que tornaram possível a honrosa emancipação da nossa terra, comparecendo em massa a todos os actos.

## DO BRASIL

*Do Brasil, mais propriamente do Rio de Janeiro, chegou há dias a Fão o nosso conterrâneo e prezado assinante Manuel Gomes Neto (Manel do Cocho).*

*Lembra-nos que o Manuel era um bom half nos tempos dos jogos entre Pedreiras e Fão.*

*Boa estada entre nós.*

## AUMENTE O SEU

# Colesterol!

Vamos lá dar ao colesterol a habitual ajudinha na subida? Então, quando lhe sobrar bacalhau e batatas cozidas, não faça a conhecida «Roupa Velha». Varie, e faça uma

### SALADA DE BACALHAU

Pegue no bacalhau cozido, já frio, e corte-o em pequenos quadradinhos, Faça o mesmo às batatas cozidas, igualmente frias.

À parte, faça um molho com azeite pouco ácido, batido com gemas de ovos cozidos, um pouco de vinagre e um pouco de mostarda.

Deite os bocados de bacalhau e de batata numa saladeira, misturando-os, polvilhe com pimenta, e deite o molho, misturando tudo bem.

Cubra com azeitonas, pedacinhos de cenoura cozida, rodela de ovo cozido e alface.

E agora, vamos às «doçuras»:

### BOLO GERMANO

Ovos — 3.

Açúcar — 125 gramas.

Manteiga — 125 gramas.

Farinha — 120 gramas.

Fermento — 1 colher de sopa.

Bate-se o açúcar com a manteiga até ficar um creme. Junta-se-lhe, uma por uma, as gemas, batendo sempre.

À parte, batem-se as claras em castelo, bem firmes.

Deita-se na mistura uma colher de sopa dessas claras e a seguir a farinha, misturada com o fermento (em pó).

Bate-se tudo muito bem batido, juntando-lhe o resto das claras e mexendo só o bastante para tudo ligar.

Deita-se então em forma bem untada e cobre-se com fatias muito finas de maçã crua.

Depois de cozido em temperatura média, polvilha-se com açúcar.

E por hoje, o colesterol já tem com que se entreter...

Um abraço da

TIA MARIQUINHAS.

## CORO DA MATRIZ

O Coro da Matriz vai exhibir-se novamente na televisão no próximo dia 12 de Junho. Vai ser mais um êxito.

Entretanto em Esposende vai realizar-se um encontro de coros concelhios tendo ainda a presença do Coro da Rádio Renascença, no dia 28 de Maio. No dia 29, portanto, no dia seguinte, este grupo juntamente com os coralistas locais vai actuar igualmente em Fão.

E depois se puder realizar uma tarde fangeira com os dois grupos, seria oiro sobre azul.

## P.e ANDRÉ VASCO

*Em Fonteboa, de onde era natural, faleceu no dia 17 de Março o rev. P.e André Gonçalves Vasco Junior, vítima de doença que não perdoa.*

*Em criança o P.e André frequentou a Escola Primária de Fão.*

*Era bem conhecido na nossa terra que aliás frequentava, sobretudo em dias de «confissões», quando era pároco em Gemeses.*

*Que descanse em paz.*

CASA DO MINHO

ÓRGÃOS SOCIAIS PARA O BIÊNIO 88/89

ASSEMBLEIA GERAL — Presidente - Dr. Nuno Lima de Carvalho; Vice-Presidente - Dr. Anselmo da Costa Freitas; 1.º Secretário - Eng.º Alberto Ribeiro da Costa Guimarães; 2.º Secretário - Fernando António Almeida Rodrigues.

CONSELHO FISCAL — Presidente - Eng.º Luís Carlos Macedo e Cunha; Relator - António Joaquim da Mota Campos; Vogal - Agostinho Egídio Pereira Velloso.

DIRECÇÃO — Presidente - Cor. Alexandre da Costa Coutinho e Lima; Vice-Presidente - Eng.º Carlos Manuel Barros Lima de Barros; Secretário Manuel Domingos da Cunha; Tesoureiro - Gil da Costa Malheiro; Vogais - Óscar José de Matos Couto, Manuel Pereira da Costa e José Pereira dos Santos.

COMISSÃO CENTRAL DO CONSELHO REGIONAL — D. Maria Manuela Oliveira do Amaral Zenha Leite, Dr. Artur Godinho Ribeiro, Cor. José Maria de Melo Parente, Dr. Domingos Rodrigues e Jorge Fernandes Correia.

FALECIMENTO

Ainda bastante jovem, faleceu em Fão Amândio do Monte Alves, vítima de «doença dos pezinhos».

Paz à sua alma.

O Mundo em que vivemos

PARABÉNS AMIGO!

Como vai sendo hábito, esta secção, em Maio, é dedicada ao aniversário de «O NOVO FANGUEIRO».

Pois é verdade. Quando este número chegar às vossas mãos, terá ele completado o seu 4.º aniversário.

Assim correu o tempo. Já lá vão quatro anos sobre o dia em que ele apareceu, timidamente, de passinhos hesitantes, à conquista da vossa adesão, à procura da vossa amizade.

E, quatro anos volvidos, cremos poder afirmar, sem optimismos exagerados, que conseguiu uma e outra.

Este «menino», buliçoso e travesso, que todos os meses percorre caminhos, galga oceanos e salta continentes para entrar em vossas casas, com o à-vontade e a semcerimónia de uma familiaridade há muito

sentida, tem-se afirmado, tem «crescido», e o aumento progressivo de assinaturas e de palavras de apreço são estímulo e razão para que ele capriche em fazer sempre mais e melhor, para merecer a vossa estima.

É por isso que ele vai periodicamente até vós, proporcionar-vos uns momentos de entretenimento e de companhia e, aos que estão mais longe, levar um pedacinho da própria terra fangueira.

Ele é um mensageiro de amizade e de boa-vontade. Aliás, «O NOVO FANGUEIRO» vive essencialmente de muitas boas-vontades: — da boa-vontade dos que o fazem, da boa-vontade dos que nele anunciam, da boa-vontade dos que o lêem.

Por isso, neste momento em que se festeja o seu aniversário, gostaríamos que cada um de vós, ao recebê-lo no seu lar e ao tomá-lo nas suas mãos, dissesse, com uma pontinha de ternura: — «Parabéns, Amigo!»

E. REAL

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- TESTES ELECTRÓNICOS
- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRÁULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MÁQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

REIMELI, LDA.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO  
 AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845

CORRESPONDÊNCIA

Do nosso amigo e conterrâneo Amândio Caramalho, recebemos uma amável carta e excertos de alguns jornais que nós publicaremos logo que tenhamos uma aberta no espaço deste jornal. Gratos pela deferência.

HONROSO CONVITE

A proprietária da Rita Fangueira, D. Tíni-nha para os amigos, recebeu um honroso convite para ir este ano dirigir a famosa lampreitada que a Casa do Minho costuma realizar uma vez por ano em Lisboa.

Os seus múltiplos afazeres não lhe permitiram a deslocação. Ficou a honra do convite.

Ainda bem, que se os lisboetas caçassem esta cozinheira por aquelas bandas, nunca mais a deixariam partir.

ÓPTICA Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

- RECEITUÁRIO MÉDICO
- LENTES DE CONTACTO
- APARELHOS DE PRECISÃO

AGORA...

LENTE DE CONTACTO

Com Gabinete de Contactologia no 1.º andar, para melhor servir os seus clientes.

VISITE AS NOSSAS NOVAS INSTALAÇÕES

# PÁGINA JOVEM

OLÁ, JOVENS! ENTÃO, SEUS PREGUIÇOSOS, ONDE ESTÁ ESSE ENTUSIASMO? É CERTO QUE OS EXAMES ESTÃO À PORTA, MAS COM BOA VONTADE SEMPRE SE ARRANJA UNS MINUTINHOS, SEM PREJUÍZO DOS ESTUDOS, NÃO É VERDADE? ORA VAMOS LÁ A ARREGAÇAR AS MANGAS E... MÃOS À OBRA! MANDEM A VOSSA COLABORAÇÃO!



## VIAGEM À ILHA DO TESOURO

(Por ROSA MARIA COSTA)

Era uma manhã de domingo do ano de 1822. Estava eu calmamente deitado na rede do jardim, a observar as rosas no roseiral (como eram bonitas!) os pássaros nas árvores a chilrear de alegria, as borboletas polando de flor em flor e as abelhinhas muito atarefadas a colher o pólen. Estava eu a reflectir sobre isto tudo quando oiço uma voz grossa a chamar por mim:

— Pedro, vem cá depressa!

Descobri logo que era o meu impaciente tio João, homem de negócios e de estudos, muito importante e velho.

— Porque esperas, ó estúpido? — gritou ele com ar mais impaciente ainda.

— Já vou tio, já vou. — Cheguei ao pé e lá estava ele na mesa do jardim com muitos livros à volta, como era seu costume.

— Olha o que encontrei na biblioteca — disse ele orgulhoso, mostrando um velho e carunchoso livro. — É uma enciclopédia, muito antiga, data de 1542 segundo os meus cálculos, foi escrita por um inglês de nome Arthur Watts.

— Mas, tio, é assim tão importante?

— Claro que é, além da Enciclopédia acabei também, dentro dela um mapa: ei-lo.

— Tio - exclamei eu admiradíssimo — isto parece um mapa de um tesouro!

— Exactamente o que eu tinha pensado, mas como o poderei decifrar?

— Não sei tio, isto parece chinês.

O meu tio, que não se dava facilmente por vencido, passou o resto do dia a tentar decifrá-lo com o mapa na mão. Eu comecei a preocupar-me com ele, mas o que havia eu de fazer, se ele era teimoso de mais e não me dava ouvidos?

(Continua)

## FACTO CONSUMADO

Facto consumado!

Um músculo move-se

A mão estende-se para o desejado,

O terrível botão vermelho

O soldado comove-se

Mas deixa-se de escaravelho

O botão terrível, sinistro

Impassível deixa-se carregar

Às ordens do ministro

Facto consumado

Ó desgraça que aqui nos semeaste e puseste

Só na tua podre ambição pensaste

Quando o fizeste

Pouco antes do macabro movimento

Uma criança sorria

Com o seu simples sonho

Sorria, ria de alegria

Na sua inocência não o sabia nem nunca

o saberá

JOSÉ FERREIRA NEVES  
(14 anos)

## ESCU...TA...

Escuta:

O som do mar

O chilrear dos passarinhos

A água da fonte

Que corre

Devagarinho.

Escuta:

Não tenhas pressa

Observa a lua

E o mar profundo

Caminhar lento

De um sonho mudo.

Escuta:

O som longínquo

Vindo de um homem

Que está fugindo;

Um som amargo

De dor contida

Por ter amado

Sem ser correspondido.

Escuta:

O coração batendo

Num peito ardente

De amor para dar

Mas... para isso

É preciso...

Saber escutar

Para depois

Constituir o som da vida.

TUCHA

## ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE

GROUP

Impetus

FIGUEIREDO & MARIZ, LDA.

TELEF. (83) 901002/4 — TELEX 32474 LIATX  
APÓLIA — 4740 ESPOSENDE

MALHAS CEF, LDA.

(EXPORT DEPART.)

TELEF. (83) 902012 — TELEX 32850 IMPTUB  
FONTE DE CIMA — BARQUEIROS  
4750 BARCELOS

MALHAS RIDEL, LDA.

TELEF. (83) 902477 — TELEX 32850 IMPTUB  
APÓLIA — 4740 ESPOSENDE

PORTUGAL

Alberto Figueiredo  
Managing Director

## PAUSA PARA SORRIR

- Onde arranjaste esse relógio tão bonito?
- Ganhei-o numa corrida.
- Numa corrida desportiva?
- Não, numa corrida contra o dono dele e dois polícias...

★

- Num exame, pergunta o professor ao aluno:
- Diga-me, menino, o que fez Cristóvão Colombo quando pôs o pé no solo da América?
- Responde, espaventado, o aluno:
- Pôs imediatamente o outro pé, para não perder o equilíbrio...

★

Durante a guerra, um soldado cai ferido numa perna. Um outro soldado pega nele às costas, para o levar até onde estavam as ambulâncias. No caminho, porém, uma granada leva a cabeça do infeliz, sem que o soldado que o transportava disso se apercebesse.

Um capitão, muito espantado, dirige-se a este, e pergunta-lhe:

- Onde vais tu com isso???
- Vou levá-lo à ambulância para ser tratado, meu capitão.

— Seu grandecíssimo burro!!! Como queres que se trate um homem sem cabeça?

O soldado só então dá conta do facto e exclama indignado:

— Ai o grande patife! Ele a mim disse-me que só lhe doía uma perna!

★

Numa casa de modas. A proprietária tenta convencer uma cliente a comprar determinado vestido:

— Leve, minha senhora, que este tom fica muito bem com a sua cor pálida.

— Ora, mas eu não sou pálida — replica a freguesa — fiquei assim quando a senhora me disse o preço dele!

# AS NOVAS FONTES DE ENERGIA

Existem realmente na actualidade, novas fontes de energia, ao alcance da humanidade, algumas das quais medianamente aproveitadas, mas outras quase desprezadas, ou pelo menos subaproveitadas.

Certos povos, com tecnologias evoluídas no campo energético, servem-se das potencialidades que a própria natureza coloca à nossa disposição. Outros tentam ainda descobrir novas fontes. Destes últimos, merece destaque especial, o povo japonês, que está imensamente empenhado nessas descobertas.

O Japão que importa petróleo para satisfazer cerca de 70% da energia que consome, decidiu voltar-se para os elementos naturais - o SOL - o MAR - o VENTO - a ÁGUA QUENTE DO SUBSOLO.

Estas novas fontes de energia, cuja contribuição para a economia é actualmente quase desperdiçada, deverão em 1995 constituir 11% da energia consumida no Japão.

O projecto «SOL» lançado pelo governo japonês em 1974, após a primeira crise do petróleo, para se encontrarem novas fontes de energia, ganhou já uma importância considerável, após a segunda crise. O orçamento do Estado Japonês, prevê anualmente alguns biliões de YÉNS para os projectos de estudo sobre o desenvolvimento de todas

as fontes de energia. a principal parte vai no entanto para a energia nuclear.

Mas... valores elevados são utilizados pelo MITI (Ministério do Comércio Internacional e da Indústria), em estudos sobre a energia geométrica, isto é, os recursos em calor do subsolo, e, outra parte dessê montante, sobre a energia solar.

Há muito tempo que os japoneses utilizam o SOL com a finalidade de aquecer água para banhos.

Muitos hospitais, escolas e estabelecimentos privados são já aquecidos e climatizados com aparelhos solares.

## OS VULCÕES

Coberto de vulcões, duma ponta a outra, o Japão interessa-se também grandemente pela exploração das nascentes de ar quente, que possui.

Mais de uma dezena de pequenas centrais eléctricas com potências de 11 a 50 megawatts, estão em funcionamento, utilizando águas quentes de camadas superficiais, ou seja, situadas entre 1500 e 2000 metros de profundidade.

Mais ambicioso, o «MITI» decidiu efectuar, na Ilha Meridional de KYUSHU, estudos sobre a energia geométrica, situada en-

tre 2000 e 4000 metros de profundidade, para alimentar assim, eventualmente uma central de 250 megawatts. O Ministério tenta reunir entre si as diversas companhias, que enveredaram pelo desenvolvimento da energia geométrica, a fim de racionalizar os estudos.

## O VENTO

Por outro lado, o «MITI», ou seja, o Ministério do Comércio Internacional e da Indústria, financiou dois projectos de estudos, relativos à exploração do vento, que vem juntar-se aos estudos sobre a geométrica, iniciados há vários anos.

Um deles prevê a construção de 20 pequenos moinhos de 20 quilowatts e de um grande moinho, capaz de fazer trabalhar uma central eléctrica de 100 a 1000 quilowatts.

Segundo um relatório da agência de Ciências e Tecnologia — dependente do «MITI» — haveria no Japão 34 locais onde o vento atinge uma velocidade média de 15 quilómetros por hora, o suficiente para fazer funcionar centrais com a potência de 40 a 100 quilowatts.

A prefeitura de GUMNA, a norte de Tóquio, célebre pelas suas correntes de ar, já instalou nos telhados dos seus edifícios administrativos, pequenos moinhos que servem para iluminar salões e aquecer água.

A empresa «Nippon Kopan», o segundo produtor de aço do país, construiu um pequeno petroleiro, que navega à vela.

# TRABALHAR, SIM, MAS...

Li, há pouco, num semanário dedicado à literatura e às artes, que Wittgenstein (filósofo austríaco nascido em 1899 e que morreu em 1951) ao fim de ter trabalhado 6 anos como professor primário, largou essa profissão para trabalhar como ajudante de jardineiro no Convento de Huteldorf, perto de Viena, sua terra natal. E mais tarde, durante 2 anos, trabalhou — diz-se na notícia — na construção de uma casa para sua irmã.

Chegado aqui, pus-me a cismar e a interrogar-me sobre o que fez este homem que já estudara em Berlim, na Faculdade de Engenharia de Manchester e em Cambridge, que andara pela Noruega e Holanda, que dera a conhecer em livro o seu pensamento filosófico, o que fez este homem — pergunto de novo — abandonar o cargo de professor primário e, em vez de continuar com actividade mais de acordo com as suas preocupações intelectuais, passar a judante de jardineiro e, de seguida, a trabalhar na construção dessa casa. É claro que 3 anos depois volta para Cambridge para se licenciar e iniciar aí, no Trinity College, a sua actividade de professor, prosseguindo, desde então, uma vivência mais consentânea com o que estudara e investigara. Mas eu continuo a cismar e a interrogar-me: — Estaria o filósofo cansado de ensinar? Por que escolheu, durante esse tempo, trabalhar com suas mãos em vez de com o intelecto?

Suponho que Wittgenstein nunca deu

uma explicação para esses factos e, por isso, a resposta nunca será conhecida. Contudo, desconfio que o que lhe dava alegria era trabalhar ao ar livre, com suas próprias mãos. Certamente, gostaria de filosofar e comunicar aos outros o seu pensamento e o seu saber, mas não como ocupação permanente. Quem sabe se não seria um tormento para ele dar lições! Não que ensinar seja um mau trabalho. Pelo contrário! Porém, a verdade é que cada pessoa só se sente bem no trabalho que gosta. Parece ser essa razão porque o banqueiro só se sente feliz a tratar ao seu jardim. (Possivelmente, o jardineiro gostaria de estar dentro dum gabinete a tratar do Banco...). E talvez por isso mesmo é que o célebre Henry Miller, que uns acusam de ser um escritor pornográfico (ele aceita que o chamem de obsceno) e outros lhe gabam o talento literário, quando para sobreviver andava pelas portas a vender enciclopédias, aconselhava as pessoas — vejam lá! — a não comprar «essas porcarias». Era a sua vingança contra o emprego que o aborrecia.

O trágico é que, sendo o trabalho uma necessidade do homem, é raro cada um de nós produzir o que gosta. Todos temos de aguentar a ocupação que nos saiu na rifa da vida, fabricar o que não queremos; vender o que abominamos.

Um dia em que as sociedades sejam feitas, talvez possamos escolher a nossa actividade. Talvez! um dia...

J. AUGUSTO

## ONDAS DO MAR

As ideias fervilham, e, entre as mais prometedoras e as mais sérias, deverá mencionar-se a utilização da energia das ondas do mar.

Também neste domínio, a «Nippon Nokan» parece ser a empresa cujos estudos estão mais avançados. Adquiriu o exclusivo dos direitos de um sistema, que converte o movimento das vagas do mar em movimentos mecânicos, que por sua vez accionam um gerador.

Estas experiências tem sido até agora positivas. Os cálculos mostram que cada metro da costa, ao longo do arquipélago nipónico, dispõe de um potencial de 10 quilowatts. Portanto, em cerca de 5000 quilómetros de costa, equivale uma capacidade potencial de 50.000 megatts, que corresponde a mais de metade da produção de electricidade do país.

Embora ainda nos seus primeiros passos, o Japão avança a «todo o vapor» para a utilização dos recursos naturais, especializando-se na técnica das energias consideradas «NOVAS».

Como se constata, existem actualmente novas descobertas, até agora ignoradas como fontes de energia; QUE MAIS NOS RESERVARÁ O FUTURO?

JORGE SANTOS

# Sanchos e Quixotes da nossa Praça

Caros leitores, mal chegámos a Fão, concluída uma primeira etapa da nossa viagem Cávado acima, deparámos com um mundo de surpresas. Surpresas na arquitectura desta terra, onde se vai misturando o novo com o atingir; onde o alumínio vai substituindo a madeira, onde o tijolo e o cimento vão ocupando o lugar do granito e do barro caído; onde as sacadas e varandas gradeadas de ferro-fundido são simplesmente eliminadas; onde os pátios e escadas exteriores vão, tal como a telha mourisca, passando a peças de museu. Ainda bem que não substituíram as vielas, cangostas e veredas e o desalinhamento das casas por avenidas largas e geométricas.

Mas, destinos dos destinos! Casas oitocentistas de rés-do-chão e algumas (poucas) de primeiro andar são substituídas por dois andares e um recuado. Isto observa-se em ruas com pouco mais de três metros de largura! Pobre Fão! Dentro de vinte anos, ninguém te reconhece. Ficas com «marquises» e janelas do tipo «fenetre». Lá diz o Zé, cada um tem aquilo que merece. Mas também as ruas mudam a sua fisionomia. Já se vai substituindo a calçada-à-portuguesa por lindos «paralelos importados». Já foram substituídas as tasquinhas por cafés e as vendedeiras de tremoços no cantinho de cada rua, por caixotes de gelados. Mudam-se os tempos... muda-se a civilização, o gosto e é bonito «parecer-se moderno». O pior é quando o modelo copiado nos fica curto nas mangas e comprido nas calças.

Surpresa foi também para nós a riqueza desta terra em lendas, costumes, tradições e histórias de faca-e-arguidar. Terra de teatro, de música e de fado; de grandes artistas na construção naval e civil; terra de marinheiros e pescadores; terra de crentes piedosos e devotos em horas de aflição.

Pois bem, caros leitores, entremos neste café e ouçamos o que nos poderá dizer esta figura típica, culta e antiga que se encontra sentada ali naquela mesa. Na sua frente, alguns livros, revistas, um lápis e uma borracha. Faz uns «bonecos» para passar o tempo — diz-nos — enquanto espera alguns amigos para contar umas «larachas».

— Pos nós, também, andamos à procura de saber um pouco de Fão, das suas histórias contadas ao serão ou no pátio da tia Linora.

— Então querem conhecer um pouco do nosso passado? Das nossas histórias? Das nossas gentes?

— Claro que queremos.

— Eu não sou desse tempo, mas recordo-me da minha avó, que nasceu nos meados do século passado, contar histórias, tidas como verdadeiras, que ainda hoje causam espanto. Ouçam então.

«Era no ano do Senhor de mil oitocentos...

O tempo estava invernososo, o rio corria turvo e caudaloso.

No solar dos Vilhenas, contavam-se as aventuras vividas em terras do Barsil, pelos senhores daquela casa senhorial.

Ao canto da lareira, um frade de origem

brasileira lia alto as vésperas e ladainhas da senhora da Lapa. Em frente daquele solar, uma pequena capela, de uma única nave, guardava no seu seio, mesmo no coração do templo, os restos mortais dos Senhores daquela casa solarenga, outrora Carneiros e Vilhenas.

Naquela noite, apenas se encontrava no salão uma velha, mais velha que o século, alquebrada pelos anos e por alguns desgostos que o Banco do Amazonas trouxera com a sua falência àquela e a tantas outras famílias do pequeno burgo fangueiro. Esta família era agora constituída apenas por dois anciãos e duas donas. Uma delas era ainda jovem e prendera-se de amores por um jovem muito belo, cuja casa confinava com o solar. Apenas um muro separava estas duas habitações. Chamava-se Dolores da Purificação, mas com a falência do banco e a consequente perda das fabulosas quantias, o povo, sempre atento, alcunhou a desditosa menina de Meia-Libra.

Vestia normalmente um vestido de tons sombrios, bastante cintado e com um decote acentuado em vê. Os cabelos desciam pelos ombros, encobrindo parcialmente o rosto e a parte superior do colo, dando à sua silhueta ao mesmo tempo um toque de mistério e ousadia. Os olhos, esses eram negros, negros como a noite mas belos como as estrelas que durante a noite vigiam as fadas boas. Não era alta mas também não era muito baixa como costuma ser a mulher do Minho. Sabia estar em sociedade, conhecia as regras das boas maneiras, bordava com esmero, como todas as meninas prendadas da terra fangueira. Ao serão, passava para o seu livro de receitas as últimas novidades conventuais e ainda lhe sobrava tempo para se debruçar sobre o seu livro de música. Como toda a menina de boas famílias do burgo, falava de Júlio Dinis e da sua última obra romanesca que ela lera enquanto o diabo esfregava um olho.

Ele era um jovem privilegiado. Com o esforço dos seus antepassados, conseguira arrecadar um anos de prósperas colheitas algumas pipas de vinho e abundantes carros de pão que administrava com parcimónia. Conseguira fazer os seus estudos primários

num salão quase contíguo à sua casa, antes ainda do parente brasileiro ter ofertado à paróquia a actual Escola.

Acabados os estudos na terra, a família destinou-o ao seminário como tantos outros meninos que primavam pelo melhor comportamento escolar e religioso.

Um dia, vestiram-lhe um fato preto, deram-lhe uma maleta de pau que anos houvera tinha regressado no porão, do Brasil, meteram-lhe na cabeça leis de bom comportamento moral e escolar e lá partiu o noviço para Braga.

Foi crescendo. Os anos foram passando e quando chegavam as férias-grandes, entre duas missas e uma ladainha, o jovem, por entre as cortinas do Janelo do sótão, espreitava para o quintal da vizinha, começando a sentir que a sua vocação não seria a de pastor de almas.

Tinha medo de comunicar aos familiares a sua decisão e agora mais do que nunca, pois um dia, quando lançava os olhares para o quintal da vizinha, foi apanhado nesse acto de contemplação pela madrinha que lhe pagava as mensalidades.

No dia da partida, no regresso às aulas, após umas férias de grande luta consigo próprio, umas febres muito altas prostraram o jovem num estado de delírio. Os meses passaram, até que um dia, sentiu dentro de si uma forte ânsia de comunicar o seu desejo — não queria voltar para o seminário. Caiu o Carmo e a Trindade. As bruxas da região, o João Semana do burgo, todos tentaram diagnosticar o mal-olhado que empeceu o rapaz.

— Foi mal-olhado, foi, dizia a tia Júlia de olhar ladino e rica em artes de enganar... eu é que sei a sua doença. Ele cura-se... deixai-o que não tardará muito que nós sabemos qual é o mal de que o rapaz sofre, acrescentava a tia Júlia Moira.

— Naquele ano, apressadamente, procurou fazer exames de equiparação. Transferiu em requerimento e carimbos reais as suas aptidões escolásticas para uma academia coimbrã. Trocou o fato preto pela capa e batina, amarrou à cinta o tinteiro, meteu na bolsa alguns cruzados e correu até Coimbra deixando na terra o seu coração à desditosa e feliz menina — a Meia-Libra.

(Continua) (Do professor e alunos do 11.º D da Escola Sec. de Esposende)

NOVA GERÊNCIA



## Calatrava

### albergaria ★★★★★ R

Gasthaus ★★★★★  
Bed and Breakfast ★★★★★

Rua M. Flúza Júnior, 157 - Telef. 22011-27434 - Telex 33331 Latrav - 4900 VIANA DO CASTELO

# ESTABELECEMENTOS ABERTOS E A ABRIR

Já a poucos meses da sua morte, o dr. Alceu ofereceu-nos algumas caricaturas, arte em que era mestre consumado. Posteriormente vieram até nós outros trabalhos do sempre lembrado fangueiro (já temos trinta) e a pergunta com que nos encontrámos a seguir foi esta: «Onde vamos encaixilhar isto?»

Atrás de nós havia toda uma experiência lamentável com as casas de moldura. Anos antes, no Porto, entramos num estabelecimento do género para revestirmos um poster com versos da nossa autoria (foram os primeiros e os últimos).

— Venha daqui a oito dias buscá-lo — disseram-nos.

Pois fomos daí a uma semana, duas, três, um mês, dois meses, três, quatro, cinco, seis, até que desistimos. O poster ainda lá está.

Passados tempos, acompanhamos um colega a uma outra casa da mesma especialidade para um serviço análogo.

— Quando posso vir buscar o quadro? — perguntou o nosso acompanhante.

— Bem, o empregado está doente, de modo que só daqui a dois meses — foi a resposta do dono da casa.

Escusado será dizer que os nossos contactos com as casas de molduras pararam aí.

E agora? «Perto do consultório do meu marido há uma casa muito boa», disse-nos um dia destes a esposa do dr. Juvenal quando em conversa de ocasião lhe demos conta do nosso problema, mas foi essa pista casual que nos levou à Vidroze de, em pleno centro da vila concelhia.

Levámos então lá meia dúzia de estampas para ver como era.

— Quando estão prontas? — foi a nossa pergunta sacramental.

— Oh, isto são dois dias, depois de amanhã, passe por cá.

Na dúvida e muito escaramentado, fomos no sábado seguinte. Os quadros estavam prontos e embrulhados desde há dias. Uma beleza! Não haja dúvidas que hoje possuímos uma galeria alceana digna de seu patrono. Fizemos então as pazes com as casas de molduras e satisfeito ficamos ainda por verificarmos que existe em Esposende, sede do nosso concelho, um estabelecimento do género com muito bom gosto, quadros lindíssimos, e sobretudo com o respeito pela palavra dada, o que é muito importante.

★

Também o acaso nos fez visitar a oficina fabriqueta ou *atelier* do nosso conterrâneo, Joaquim Morais, filho do saudoso Mário Péllica, no Largo Manuel Magalhães. Fazem-se ali carteiras (pequenas) de senhora, carteiras para homem e ainda porta-moedas. O Joaquim está casado com uma senhora cuja família entroncou desde há muito na marro-

quinaria, de modo que o nosso conterrâneo ajeitou-se. Ajeitou-se ao novo metier e venceu. Hoje as principais casas do Porto, da especialidade, são suas clientes. Já teve que ampliar as instalações, ou antes, vai mudar para novas instalações e já pensa construir uma fábrica, mas sente ou começa a sentir dificuldades no que diz respeito a localização.

Pensamos no entanto que se trata de uma indústria limpa, não poluente e que todas as facilidades lhe devem ser concedidas.

★

E já que estamos com a mão nos estabelecimentos, queremos dizer que o Aníbal (cabeleireiro) possui um salão de grande gabarito. O mobiliário é leve, curioso e diferente. Moderno e confortável também. Está provido de infra-vermelhos. É o antigo filhote.

«Só falta aqui — dissemos-lhe — uma máquina de café».

— Também tenho. Está ali — apontou-no-la ele, com um olhar modestamente triunfante.

Informamos que esta troca de impressões foi precedida de um fogo de barragem que aquele simpático cabeleireiro nos despejou quando na tarde de sábado nos encontrámos ambos no «Clube» do nosso Zé... Barbeiro.

«Que não havia direito! Que «O Novo Fangueiro» lhe tinha feito uma referência mínima no último número, em meio de encomiásticos elogios a dois estabelecimentos de Fão. Que mais assim! Que mais assado! Que devolveria o jornal, que tinha sido esquecido, etc. e tal!»

Só perguntamos ao destro cabeleireiro: «O senhor convidou-nos para ir lá? Deu-nos conhecimento da inauguração?»

Claro que lhe tinha passado. A ele e a muita boa gente da terra. E depois *exigem* mundos e fundos.

Mas que o estabelecimento do Aníbal está um primor, isso é verdade. Vão lá e admirem.

Resumindo: Fão possui quatro estabelecimentos de cabeleireiro que dispensam visitas «lá fora». Antes pelo contrário. As pessoas veem de longe porque sabem que em Fão arranjam o cabelo com arte e muita simpatia.

★

No dia 25 de Abril a nossa terra ficou mais enriquecida com a inauguração de uma casa de chá no edifício das antigas Clarinhas, em frente ao antigo Galo D'Oiro.

Como já tínhamos dito anteriormente, a nova sala foi muito bem construída e melhor decorada pelo Zé Artur de modo que a obra resultou um mimo. Carvalho, dono do prédio, teve o bom senso de não olhar a despesas e satisfaz todos os caprichos do projectista. É um daqueles estabelecimentos que honra a terra.

No dia da inauguração estiveram presentes as autoridades locais: Presidente da Assembleia Municipal, dr.<sup>a</sup> Rosa Torres; Presidente da Câmara, Prof.<sup>a</sup> Laurentina Torres, o Presidente da Junta de Fão, Luís Viana e alguns convidados.

Dirigiu uma pequena saudação a todos os presentes a proprietária Amália Barreiro. Algum tempo depois, o Presidente da Junta usou também da palavra para se congratular com a abertura de mais um estabelecimento que muito irá beneficiar a terra. E foi peremptório ao afirmar que nestes casos não queria saber da cor da bandeira de seus proprietários uma vez que sendo um melhoramento da terra ele tinha que estar e estaria sempre presente.

## GARAGEM CASTRO

CONCESSIONÁRIO DAS MARCAS:

**MERCEDES BENZ ★ AUSTIN ROVER**

BARCELOS — Rua Filipa Borges

Telefones 811008 - 811009 — Telex nr. 32027 Merley

ENCONTRÁMO-NOS LOGO

NA

**PASTELARIA CLARINHA**

# DESPORTO



## RALLY PAPPER

«Tradicionalmente» instalado no sábado do Senhor de Fão, realizou-se mais um Rali Papper. A organização merece efectivamente o nosso reconhecimento, pelo esforço e empenho, com que, mais uma vez se realizou a prova.

Penalizou, quanto a nós, por excesso de tempo concedido em ambas as etapas, o que permitiu «copianço» organizado e desenfreado, o que, por vezes falseia a verdade da prova. Animados concorrentes «equipados» da melhor maneira (houve quem trouxesse 1 escadote!) resistiram até ao final às «adversidades» do percurso. Que saibamos não houve furos... No entanto houve uma poderosa «máquina» Turbo, que saiu no início da 1.ª etapa e entrou no final da 2.ª etapa (fora de horas) mas sem ter passado por qualquer dos 5 controlos de passagem...

Referência para a apresentação da equipa L. Peixoto/M. Simões que pintaram o carro com folhas das páginas amarelas...

A pedido da organização rectificamos a posição do par Celestino Martins/Carlos Palma Rio de 14.º lugar para o 8.º lugar por erro na cronometragem da prova.

A classificação final ficou assim ordenada: 1.º CA/7L; 2.º CM/EB.

Qualquer dia, diz-nos o Centro de Animação e Cultura dos Bombeiros, que vai haver mais...

XICO DAS RODINHAS

## PONTO POR PONTO

### FUTEBOL SÉNIOR — CAMPEONATO

CELEIRÓS, 1 — FÃO, 1

Lamentáveis cenas de violência e ausência total de segurança policial caracterizaram este jogo para esquecer. A principal vítima foi o nosso jogador João Barcelista agredido por inúmeros adeptos do Celeirós no final do jogo, felizmente sem consequências.

Resultado: suspensão de utilização do campo para inquérito e castigos de 2 anos de suspensão para 1 jogador do Celeirós e 6 jogos para outro do mesmo clube. Sem mais comentários...

FÃO, 1 — MARINHAS, 2

Jogo mal perdido, no dia da liberdade. A divisão democrática dos pontos seria o resultado mais justo. Boa bilheteira foi o único resultado francamente positivo.

VILAVERDENSE, 1 — FÃO, 1

As contingências do futebol, a chuva e o mau piso do terreno não permitiram melhor. Continuamos a ser uns «empatas»!

### FUTEBOL SÉNIOR TAÇA A. F. DE BRAGA

FÃO, 4 — MOSTEIRO, 0

No campo do Prado jogamos bem e merecemos a vitória em jogo de quarta-feira à noite. Quase no final do jogo o árbitro foi violentamente agredido por um jogador do Mosteiro (que não era frade) a quem a guarda deu voz de prisão tendo sido presente a tribunal posteriormente. Mais cenas lamentáveis e absolutamente evitáveis.

★

Futebol júnior e infantil em defeso, aguardando melhores resultados na próxima época.

POUSA, 0 — FÃO, 1

## CANOAGEM

Pois é! O Clube Náutico de Fão é já uma realidade e a comprová-lo as excelentes classificações nas provas em que participa.

Traquejo e maturidade a nível Nacional, predomínio a nível regional.

### 2.ª MARATONA DO RIO CÁVADO

Só o tempo prejudicou esta bela, prova grande, do calendário Nacional.

A participação em número e qualidade dos atletas excedeu todas as expectativas. 23 equipas de todo o país, com realce para a participação da equipa Insular com 8 elementos que se deslocaram expressamente da pérola do Atlântico. O público presente em grande número vibrou entusiasmado com os seus melhores e contribuiu de forma decisiva para o êxito.



Numa tarde envergonhada o colorido das embarcações captava as atenções mesmo dos passantes na velha ponte. Fão foi pequeno para conter tanta gente. Os restaurantes sobrelotados serviam refeições em séries, as viaturas estacionavam caoticamente a monte. Os Bombeiros da Vila e os elementos dos Socorros a Náufragos foram incansáveis em terra e vigilantes no rio. Tudo correu pelo melhor.

A maré deu caudal e escondeu as nódoas (lixo) das margens ribeirinhas. A prova foi competitiva nas mais variadas modalidades e

a festa continuou pelo entardecer onde bonitos troféus gratificaram os melhores. Presentes o Presidente da Federação Nacional de Canoagem e o Delegado Regional da D.G.B. Relevo para todos os nossos atletas que brilhantemente alcançaram o 2.º lugar colectivo, sendo o mérito desta vitória, extensivo aos seus incansáveis dirigentes, que na nossa terra se entregam de alma e coração para o engrandecimento da modalidade e a divulgação do bom nome de Fão.

## TORNEIO IBÉRICO

Prova internacional realizada em Óbidos no dia 16/4/88. Da nossa equipa, dois dignos seleccionados nacionais Belmiro Penetra, campeão Nacional de K1 cadetes, e Emílio Araújo, dos melhores entre os seus pares, que brilhantemente arrebatarem os 2.º lugares nas provas em que participaram batendo credenciada a pagaia mais velha e experimentada e disputando os 1.ºs lugares com os melhores atletas espanhóis.

Parabéns e o nosso obrigado por tão honrosa representação.

## CIRCUITO DO CÁVADO

Integrando o programa das festas das Cruzes de Barcelos, participaram no Circuito do Cávado todos os nossos atletas vencendo e convencendo nas mais diversas categorias e especialidades. Soma e segue...

Provas já as demos agora temos de lutar pelo nosso Posto Náutico, porque é vigoroso o pulmão da nossa juventude.

O ZÉ DA PAGAIA

## CAMPEONATO REGIONAL DE FUNDO DE CANOAGEM DO DISTRITO DE BRAGA

CLASSIFICAÇÕES ABSOLUTAS — K1 — Masculinos, seniores - José Garcia (Kayak); juniores - José Ferreira (Crestuma); cadetes - Belmiro Penetra (Fão); infantis - Pedro Santos (CDUP).

Senhoras, seniores - Adelaide Viana (Kayak); juniores - Paula Guedes (Crestuma); cadetes - Marta Vieira (Ginásio Vilac.).

C1 — Carlos Cruz (Ginásio Vilac.).

Equipas — Clube Náutico de Crestuma.

CLASSIFICAÇÕES REGIONAIS — K1 — seniores - José Carvalho (Prado); juniores - Américo Magalhães (C. N. Foz do Cávado); cadetes - Belmiro Penetra (C. N. Fão); infantis - João Miquelino (C. N. Foz do Cávado).

Equipas — Q.º C. N. Fão; 2.º C. N. Foz do Cávado; 3.º C. N. Prado.

**o melhor café**  
- é o da

**A BRASILEIRA**  
PORTO

## É imperioso continuar Fão

«As escadinhas  
Todas catitas  
Com estas fitas  
Ficam tão bem...»

Quem é o fangueiro que se preza que ao ler estes versos não os localiza logo no tempo e no espaço? Trata-se com efeito de um número famoso «As Escadinhas» das não menos famosas revistas que o sempre lembrado Ernestino levou à cena na terra de Fão, há já cinquenta e tantos anos. Estas e outras canções entraram no cotidiano das pessoas, transmitiram-se de pais para filhos, fixaram-se no património cultural dos fangueiros.

Nós sabemos que certas cantigas, pela expressividade e simpatias reveladas, quer na música quer na mensagem do discurso, como que se tornaram nos verdadeiros hinos

## POSTAIS DA NOSSA TERRA

### X - QUE SANEAMENTO?!...

Assistimos à implantação da rede de saneamento básico de Fão — 1.ª, 2.ª e 3.ª fases — e sempre nos pareceu a mesma de pouco calibre, bem como idêntica impressão tivemos quanto ao colector geral de condução para a estação de tratamento — 40 cms, salvo erro —, impressão essa que um dia transmitimos a um dos encarregados dos trabalhos que nos elucidou que aquela tubagem estava calculada para servir 5.000 pessoas.

Em várias deslocações a Esposende pareceu-nos que a tubagem do colector montado ao longo da estrada para condução das águas daquela Vila para a estação de tratamento — a instalar, salvo erro, nos campos de Gandra, a nascente da curva da ponte —, era de calibre idêntico ao de Fão, portanto também para 5.000 pessoas.

Não sabemos quantos habitantes tem, presentemente, Esposende, mas naturalmente mais alguns de que Fão que, segundo julgamos, não andarão longe dos 3.000, isto fora da época balnear, pois que nesta, se não ultrapassarem os 5.000, não ficará muito longe deles. Se assim é para Fão, para Esposende já aquele limite máximo, estará ultrapassado presentemente.

Não pretendem estes «POSTAIS» analisar em profundidade os assuntos que aborda, pois para isso não dispomos de elementos, nem tão pouco de competência. Pretendemos, por isso, apenas aflorá-los, deixando aos técnicos a análise e discussão dos mesmos.

Posta esta premissa, em face do exposto e tendo em consideração o natural e rápido crescimento populacional das duas Vilas que se está a verificar, quereríamos perguntar para quantos anos foram previstas as respectivas redes de saneamento? Não serão já insuficientes quando forem inauguradas? Que responda quem souber.

Fão, 10 de Abril de 1988

QUIM MUATA

nacionais — passe a expressão — das terras onde foram geradas. Analogicamente poderemos afirmar também que «Fão, linda terra minha...» é o verdadeiro hino nacional da terra fangueira.

Passada a era ernestiniiana as «revistas» não morreram em Fão, devido principalmente ao esforço, carolice e competência do falecido Zé Maia. Em outra escala, ele foi o continuador do tio, não deixando morrer nem o esquema dos espectáculos, nem os seus saborosos números, embora com actualizações épocas; muito menos deixou desaparecer o halo baírrista que resumava deste tipo de teatro. Como já demos a entender algures, as «revistas» são um compêndio de Fão ressuscitado, são o cadinho de onde exala o humus do amor pelo bairro, tornaram-se por isso em etapas e paragens de reflexão fangueira ao longo dos tempos. Não podem nem devem deixar de existir. Têm que ser revividos.

Tivemos conhecimento que o Carlos Palma Rios tinha já esquematizada uma «revista» nos moldes antigos, com letra e música da sua lavra, mas adaptadas a temas actuais. Distribuídos os papéis, designado o ensaiador, escolhido o regente, o espectáculo não prosseguiu porque na chamada Hora H os intérpretes não apareceram.

Ora neste aspecto, o papel do Maia era admirável. As pessoas não sabiam dizer-lhe «não» e nós lembramos até que na altura da comemoração do cinquentenário da primeira estreia, ele teve o condão de aliciar os meninos e as meninas de há cinquenta anos que não só compareceram mas entusiasmaram-se a valer.

É pois necessário que não se deixem morrer os Nénés e os Mários, os Ernestinos e os Maias que coexistem em muitos fangueiros. É urgente revelar artistas novos. É imperioso continuar Fão.



## Ó MAE

Mais do pão que se come  
Tu viveste só de «Deus  
Que fizeste companheiro  
E amigo dos dias teus!...  
Entretanto, ... Mãe,  
Surge a tua madrugada  
Quando a minha se vai embora  
Não morrerá, não, dentro de mim  
E é nela... que eu embalada...  
Espero, ó Mãe...  
Ter na vida o mesmo fim!  
Depois... depois...  
Por graça do mesmo Deus,  
Nos havemos de juntar  
Não na terra  
Mas nos céus!...  
Então..., ó Mãe,  
Assim juntinhas...  
Riremos da cruel saudade  
À sombra da eternidade!...

JOLY DULAC

## Parabéns a Você

Mais um aniversário do nosso Jornal.

Fazer anos é sempre maravilhoso, pois é sinal de vida. E, quando faz anos um Jornal, significa que muitas vidas humanas dão vida ao mesmo.

Os «Parabéns a Você» são dirigidos, sobretudo, a todos aqueles que fizeram possível este aniversário. É já o 4.º aniversário e estamos convencidos de que não será o último. E a nossa fé e a nossa esperança vão mais longe: esperamos celebrar as Bodas de Prata. Para isto ser possível, é preciso trabalhar, lutar e, principalmente, não desanimar, pois dos fracos não reza a História.

Todos sabemos como é difícil a feitura de um jornal... Mas é sempre motivo de regozijo e satisfação para aqueles que nele trabalham, verem que esse jornal sai pontualmente e celebra os aniversários.

Diz-se que o Jornal é o 5.º Evangelho. E é verdade. Nele se descreve a vida dos homens, que são filhos de Deus, com todos os seus problemas, inquietações, alegrias e tristezas, fracassos e triunfos.

Nas quatro velas acesas, estão simbolizados todos aqueles que, duma forma ou doutra, dão vida, luz e calor ao nosso Jornal. E ainda que as velas se entingam, não se extinguirá a chama de entusiasmo que arde em todos nós.

Não queríamos deixar passar esta efeméride sem marcar a nossa presença amiga e, através dela, dirigirmos uma palavra de agradecimento ao Director de «O NOVO FANGUEIRO», o qual, ao longo destes quatro anos tem posto toda a sua alma em prol do nosso Jornal. Muito gratas lhe devem estar as populações de Fão, pois através dele, o nome desta terra, suas tradições e costumes, têm chegado aos mais variados pontos do País e do estrangeiro. Isto supõe um grande esforço e um trabalho tenaz e persistente. Bem haja, senhor Director!

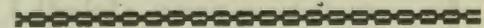
E, naturalmente, não podemos deixar de lembrar também neste momento todos os Colaboradores, Assinantes e Amigos, pois sem eles não teria existência o Jornal.

É prova disto o facto de ele ter vindo sempre a crescer de ano para ano.

Oxalá que este ritmo de crescimento não diminua. Assim o esperamos. Para estes vai o nosso muito obrigado e as nossas palavras de encorajamento. Continuem. Queremos um «NOVO FANGUEIRO» maior e melhor.

Porto, Maio 1988

P.ª DINIS DE VILARELHO  
FLORINDA DE ALMEIDA  
FERNANDO DE ALMEIDA



## TORNEIO ABERTO DE BILHAR LIVRE

Está a decorrer nas instalações dos Bombeiros Voluntários de Fão o Torneio Aberto de Iniciação ao Bilhar Livre. Ha?! Não está?... Desculpem... foi engano! Mas, já agora como há a mesa de bilhar, não se poderia organizar um torneozinho? Aqui fica a ideia...

TACO DOURADO

**Conversando...**

CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

**SABER VIVER**

Há um número incalculável de seres humanos sobre a Terra e todos vivem a sua vida, dia-a-dia, indiferentes ao tempo que passa, sem pensar que vão encurtando o seu caminho nesta vida!

E em cada ser há um mundo, criado à sua volta, que o envolve e que o faz ver as pessoas e as coisas que o rodeiam, duma maneira específica e muito pessoal.

Cada homem reveste-se de múltiplos factores, onde se misturam, como num «cocktail», o amor, o ódio, a indiferença, o egoísmo, etc., etc., em doses maiores ou menores, formando assim pessoas boas, más ou indiferentes.

Todos os homens nascem com as mesmas características, salvo raras excepções, mas o ser humano tem obrigação de se aperfeiçoar, de se moldar, como o oleiro molda o barro ou o escultor trabalha a pedra.

Portanto cabe a cada um de nós ensinar e aprender a viver. E saber aproveitar e gozar a vida, que é um dom, e não só, é também um privilégio.

Bem sei que não é fácil aceitar a adversidade, como também é difícil, embora pareça um paradoxo, ter tudo nesta vida.

Uns, porque às vezes levam a vida inteira a lutar e nem sempre conseguem aquilo com que sempre sonharam!

Os outros, como têm tudo, não existe para eles um incentivo na vida, que os leve a procurar e a lutar por algo que desejam e muitas vezes o tédio e a ociosidade desviam-nos para caminhos onde só encontram a destruição e muitas vezes a morte.

Quanto jovens, hoje em dia, se perdem através da droga e do álcool, por não terem um sonho para realizar, uma meta para atingir!...

Quantos procuram no suicídio, o fim para as suas desilusões e para a sua solidão!

E porquê? — perguntarão.

Porque não aprenderam a viver ou porque nunca ninguém lhes ensinou que a vida é um bem, inestimável, uma dádiva de Deus que é preciso conservar!

Saber viver, é apreciar aquilo que temos, é abrir o coração e sentir o palpitar da vida em cada ser, é abrir os olhos e saber ver a beleza com que Deus adornou o mundo, é compreender as dificuldades dos outros, é chorar com os que choram e sorrir com os que riem!

Saber viver é ter a coragem de ser verdadeiro, de ser indulgente com os que erram, pacífico com os exaltados, mas ser inflexível para com o perverso.

A nossa condição humana é feita de fragilidades, mas todo aquele que caminha por

uma estrada recta, sem enganar e sem mentiras, muitas vezes tropeçará nalguns pedregulhos, terá momentos de hesitação, mas se atentar para os mandamentos de Deus, no fim do caminho encontrará a recompensa: a paz da consciência, um coração tranquilo e a esperança numa vida melhor!

E aqueles que crêem, recordarão as palavras de Jesus que disse:

«Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida!»

A Vida que soubemos construir na Terra e que se prolongará na Eternidade!

**Longa Vida****o que é bom da natureza****© NOVO FANGUEIRO**

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:  
Mária Emília Corte-Real

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Armando Saraiva  
Mária Emília Corte-Real  
Tia Marquinhas  
Professores e alunos da  
Esc. Sec. de Esposende  
Armindo Duarte  
José Ferreira Neves  
Tucha  
Joly Dulac  
Carlos  
Jorge Santos  
Tiago Duarte Oliveira  
Vinha Novais

PROPRIEDADE:  
Armando dos Santos SaraivaADMINISTRADORA:  
Zita SaraivaREDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
R. de Cima n.º 5 — Fão  
Telefones 961475 - 962150COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
BINOGRÁFICA  
Praça João XXIII — Telef. 684318  
4490 Póvoa de VarzimAssinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:  
Anual..... 500\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

**Ainda o Senhor de Fão**

Os Bombeiros costumavam sempre enriquecer o programa das festas do Senhor de Fão com um número da sua autoria.

Desta vez estava prevista uma exposição de pintura de uma simpática inglesa que estava a interessar-se pelos usos e costumes locais. Cremos que chegou à lampreia e que apanhou algumas.

Só que quanto a pintura, na hora H, falhou.

A Direcção dos Voluntários valeu-se então de um alemão que se fixou em Esposende desde 1980 e que é um exímio pintor. Chama-se Hans Heinz Körber. Algumas obras estiveram inicialmente na Rita Fangueria mas depois os seus quadros, já num total de 25 estiveram patentes ao público nos dias 8-9-10 e 11 de Abril. Podemos asseverar que a exposição foi um êxito tanto artístico como financeiramente. E isto porque como dizia o jornalista Celestino Dias da Costa «os seus quadros revelam uma certa propensão do autor para interessar todo o género de público. Assim se define como um pintor do povo, transportando para a tela aquilo que as pessoas gostam geralmente de ver pintado, como seja as suas igrejas e capelas, os seus costumes e belas paisagens que facilmente identificam.

**ENTRE PINHAL E MAR,  
JUNTO AO RIO...**

É na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de Ofir e frente ao belo estuário do Rio Cávado, a escasos minutos a pé do extenso areal da praia de Ofir.

É nesta soberba paisagem, uma das mais belas do país, onde a fragrância dos pinheiros se une ao ar marítimo, impregnado de ioda, ambiente ideal para repousar e passear, que se ergue o

**HOTEL DO PINHAL ☆☆☆**

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE  
TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857  
(nova Gerência pelos proprietários)

Um hotel de 1.ª classe. Com quartos. Bares. Restaurantes com especialidades minhotas. Terraços. Jardins. Relvados. Piscinas. Ténis.

## Da minha



## varanda

por ZINHA

E o Bispo veio à Escola!

Na verdade, no passado dia 15 de Abril, sua Excelência Reverendíssima D. Carlos Píneiro, Bispo Auxiliar da nossa Diocese, visitou a Escola e cumprimentou e falou a todos com simplicidade e satisfação.

Era do nosso conhecimento que ele na sua visita pastoral para administrar o sacramento da Confirmação ou Crisma, se preocupava em conhecer, dias antes, as paróquias, visitando igrejas, cemitérios, hospitais, fábricas, onde pudesse contactar de perto com as pessoas no seu próprio meio de trabalho.

Assim, era preciso preparar a sua recepção e por isso as crianças tiveram na Escola

alguns ensinamentos sobre quem era o Bispo, o que representava, o significado das suas vestes, em nome de quem falava e aquilo que mostrava — o caminho do Bem e da Verdade.

As crianças ouviram com interesse e gosto, preparando-se assim, com o máximo respeito. Para a sua chegada fizeram-se alguns ensaios e no dia e hora apazadas, chegou finalmente o Sr. Bispo que todos queriam ansiosamente conhecer.

Entre palmas e flores, entrou ele, calmo e sorridente! Todos queriam beijá-lo, ele queria beijar todos, mas era impossível...

Uma menina do 4.º ano de escolaridade, saudou-o com as seguintes palavras:

Senhor Bispo.

Que bom tê-lo aqui connosco! Que bom saber que quis vir até nós!

Sentimos uma felicidade grande, uma enorme alegria de podermos estar junto de uma pessoa tão importante. É que as pessoas importantes estão sempre tão longe, tão distantes que, às vezes, nem fazemos ideia de como elas são.

Mas hoje temos a enorme alegria de o poder ver, de o poder conhecer e ouvi-lo falar só para nós, tê-lo aqui pertinho.

Que bela ideia esta de visitar a nossa Escola! Os nossos pais nunca viram um Bispo na escola, nós já lho perguntámos, isto não acontece todos os dias, por isso queremos go-

zar a sua presença, agradecê-la muito. É um dia histórico para nós — o sr. Bispo aqui, no nosso meio, com toda a naturalidade, num encontro simples, íntimo.

Sabemos quem é, o que representa e, por isso, nos sentimos mais pertinho de Jesus. Pedimos que por muitos anos seja Pastor das nossas almas, continue as suas visitas para que, quando formos adultos, possamos ouvir, outras crianças, com grande alegria dizer: — Outro dia, o Bispo veio à escola...

E o Bispo, sorriu e agradeceu, comovido, cremos. Disse que não era pessoa importante, que era igual aos outros homens, apenas tinha sido escolhido para desempenhar uma missão diferente e por isso ali se encontrava. Mais palmas, mais «vivas» ao Bispo e foi com enorme pena de ser tão pouco, que todos, em jeito de despedida, o acompanharam ao portão.

Gostámos, Senhor Bispo! Foi tão bom tê-lo connosco, vibrámos! Oxalá frutifiquem as sementinhas que espalhou por todas as terras, que tenham sido bem guardados os sorrisos e os beijos nas crianças, as palavras de encorajamento que aos jovens dirigiu. Oxalá possa continuar sempre as suas visitas, captar os jovens de hoje, fazê-los encontrar um sentido de vida, pois eles serão os pais de amanhã, que queremos bem formados, responsáveis, pois quem não tem, não pode dar...

## PARABÉNS A VOCÊ

Dia de Festa! E é dia de festa porque se celebra um aniversário.

Numa festa destas junta-se a família para cantar os «parabéns a você».

Mas o festejar os 4 anos de uma existência, normalmente é limitado aos familiares mais chegados. Isto, porque, aos 4 anos embora se tenha deixado de ser um bebé, ainda se é uma criança, muito traquinas geralmente, pelo que a festa se restringe a umas prendazitas e ao bolo de aniversário, levando o aniversariante a apagar as velinhas que o encimam.

E o miúdo todo encantado pelo brilho da luz que irradia das velas e com o calor dos familiares que entusiasma a soprar com força para as apagar de uma só vez, que lhe dizem dar felicidade o que ele ainda não sabe o que é, lá enfuna as bochechitas e sopra com toda a força de que é capaz, enquanto os familiares batendo palmas de contentamento vão cantando os «parabéns a você».

Pois é!

Só que os parabéns de hoje não são para um miúdo, nem são cantados apenas por meia dúzia de familiares.

Os parabéns que hoje se cantam são para «O Novo Fangueiro».

Embora festejando o seu 4.º aniversário já há muito se tornou adulto, pelo que se pode considerar um «super-dotado».

E diz-se adulto, dado que «O Novo Fangueiro» já tem demonstrado que — ao contrário de uma criança de 4 anos que é in-

fluenciável mercê desta ou daquela prenda, fruto da idade — sempre se tem mantido independente e firme com a linha traçada desde o seu nascimento.

Sem desvios!

Não há prenda, não há benesse, que o faça sair dos princípios que a si mesmo impôs, para satisfação de quantos o lêem.

E quando se diz que os «parabéns a você» não são cantados por meia dúzia de familiares, é porque o são por um coro enorme constituído pelo seu proprietário, Director, colaboradores, assinantes e anunciantes, com a satisfação de que o neófito, apenas na idade, tem correspondido inteiramente ao que dele se esperava: honestidade de princípios, coerência, verticalidade e isenção.

Embora a nossa voz vá desafinar um pouco aquele enorme coro, a ele nos atrevemos a juntar para cantar:

Parabéns a você...!

Maio 188

ARMINDO DUARTE

## POMBA MENSAGEIRA

*Eu estava metido  
Na concha do silêncio e solidão;  
Tinham secado as flores da alegria,  
O sol da amizade e da afeição  
Estava desde há tempos escondido  
Atrás da penedia  
Do egoísmo estreito;  
O coração vertia  
As lágrimas silentes e doridas,  
Meus dias eram noites desabridas,  
Sem luz, sem alegria.  
E foi então que abri de par em par  
As janelas fechadas do meu peito...  
E logo ouvi cantar  
O doce rouxinol da minha infância,  
E vi um patamar  
Sorrisos de camarim,  
E senti a fragrância  
Das filhas da roseira,  
E desceu lentamente sobre mim  
A pomba mensageira  
Daquela paz que nunca mais tem fim.*

DINIS VILARELHO

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»  
FÃO